

A emergência climática é uma das principais agendas do país que sediará, em 2025, a maior conferência global sobre o tema

COP de Belém: “Queremos ser protagonistas”

» RAFAELA GONÇALVES
» VÍCTOR CORREIA
» VITÓRIA TORRES*

Antônio da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30), em novembro de 2025, o governador do Pará, Helder Barbalho (MDB), falou sobre os preparativos para o encontro, em que os olhos do mundo se voltarão para o país, quando serão debatidos temas como transição energética, financiamento climático e redução de emissões de gases de efeito estufa.

“Não queremos apenas ser sede, queremos ser protagonistas desse debate que será decisivo para o que vamos viver em 2025 e também na década seguinte”, disse ele, no evento *Desafios 2025: o futuro do Brasil em pauta*.

Segundo Barbalho, a COP deixará um importante legado ambiental, social e de infraestrutura para o estado, com investimento estimado em R\$ 5 bilhões. “Mas o legado mais importante é fazer da questão ambiental um hábito, uma atitude que precisa se tornar a marca de nosso país”, afirmou.

Ele destacou que o Pará — “que já foi o maior vilão ambiental” —, hoje, exerce papel importante na redução de emissões de gases de efeito estufa. Em 2023, a Amazônia paraense teve uma redução de 46% de desmatamento comparado com 2022.

O governador mencionou a regulação do mercado de carbono e afirmou que a floresta precisa passar a ser vista como parte das soluções econômicas. O estado também está prestes a realizar o primeiro leilão de concessão florestal, uma forma de gestão de florestas públicas

que permite a uma empresa ou comunidade manejar uma área de forma sustentável, para recuperar áreas griladas e desmatadas.

Barbalho ressaltou ainda a importância de unir meio ambiente ao desenvolvimento social. “Não existe saída individual para nenhum estado, para nenhum país, ainda mais com dimensões continentais como é o caso do Brasil. Se a política anda de um lado e a emergência climática, do outro, corremos um sério risco de falhar enquanto políticos”, disse. “Não podemos deixar que as mudanças ambientais sejam fator de aceleração de desigualdades sociais.”

“Andando de lado”

O diretor-presidente do Instituto Brasileiro de Mineração, Raul Jungmann, argumentou que a COP30 não pode “andar de lado” como as últimas conferências internacionais. Para ele, o evento precisa avançar na definição do financiamento da adaptação climática. Jungmann argumentou que o combate às mudanças climáticas é uma questão essencialmente econômica, e que não há como discutir a transição ecológica sem recursos materiais, e que esse processo passa, necessariamente, pela exploração de minérios.

“As últimas COPs têm andado de lado”, declarou. “COP é economia. Não há transição se você não tiver recursos econômicos para fazê-la”, acrescentou. Em sua avaliação, o setor privado brasileiro ainda “não entendeu o que é uma COP” e não sabe aproveitar as oportunidades de negócios que o processo de transição energética oferece.

Marcelo Ferreira/CB



“Não podemos deixar que as mudanças ambientais sejam fator de aceleração de desigualdades sociais”

Helder Barbalho, governador do Pará

Em sua visão, o cenário internacional carregado de conflitos de interesse e guerras é desafiador para a formação de consensos entre os países, e é pouco provável que haja uma mobilização grande em prol das mudanças climáticas antes de o tema virar uma crise urgente para todos os países, como ocorreu com a pandemia da covid-19.

“Temos que acreditar que vamos conseguir fazer no seio da Amazônia uma COP da virada, porque não temos mais tempo”, afirmou o diretor-presidente do Ibram. Ele defendeu o nome do embaixador André Corrêa do Lago como presidente da COP30. A definição estava prevista para novembro, na COP29, em Baku, mas o anúncio ainda não saiu.

Provedor de soluções

A secretária nacional de Mudança do Clima, Ana Toni, destacou o papel que o país está assumindo nas negociações climáticas. Para ela, a COP30, em Belém, não será apenas um evento, mas parte

Restauração de Ecossistemas, que fortalecem o país como líder em economia de baixo carbono.

Para a secretária — uma das principais interlocutoras do governo nos fóruns internacionais — a COP30 é uma oportunidade singular para o Brasil mostrar sua liderança no combate às mudanças climáticas, com uma agenda focada em temas como a adaptação, transição justa e financiamento. Esses temas já estão na pauta das negociações, mas o Brasil vai incluir outras questões ao debate, como mineração, agricultura regenerativa, indústria de baixo carbono, bioeconomia, desmatamento, povos indígenas e exploração de recursos naturais.

“O Brasil tem uma tradição de participação e mobilização social. A gente vai querer, logicamente, manter essa tradição brasileira”, disse ela, enfatizando que o país precisa mostrar capacidade de liderar o futuro da economia global, mais sustentável e menos dependente de combustíveis fósseis.

Marcelo Ferreira/CB



A COP é uma oportunidade impressionante para o Brasil se colocar como provedor de soluções climáticas em todos os setores”

Ana Toni, secretária nacional de Mudança do Clima

Marcelo Ferreira/CB



COP é economia. Não há transição se você não tiver recursos econômicos para fazê-la”

Raul Jungmann, presidente do Ibram

Marcelo Ferreira/CB



Esse é o primeiro desafio que a gente tem, mobilizar recursos para o país para conseguir impulsionar essa agenda”

Gabriel Santamaria, gerente-geral do BB

BB financia agro sustentável

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

O gerente-geral e head de sustentabilidade do Banco do Brasil, Gabriel Santamaria, aponta os segmentos que o sistema financeiro deve focar para alcançar uma economia verde. No evento *Desafios 2025: o futuro do Brasil em pauta*, ele destacou o papel fundamental do setor financeiro de patrocinar a sustentabilidade.

Santamaria argumenta que o principal desafio para a economia verde é a mobilização de recursos. “Esse é o primeiro desafio que a gente tem, mobilizar recursos para o país para conseguir impulsionar essa agenda. Quando a gente olha o Brasil e a América Latina, percebe emissões crescendo e os recursos sendo direcionados aqui para o país”, diz.

Por isso, é preciso desenvolver soluções e instrumentos financeiros que sejam adequados para impulsionar essa agenda. “A gente tem, hoje, uma carteira de mais de R\$ 1 trilhão, mais de 30% direcionados aos negócios sustentáveis. A gente está falando de mais de 3 milhões de operações e cerca de R\$ 370 bilhões, com foco em agricultura sustentável e buscando apoiar a agricultura de baixo carbono também para o agricultor familiar”, explica.

Para testar modelos de apoio à bioeconomia, ele conta que o BB foi a assentamentos sem internet e com uma população sem acesso aos serviços bancários. “Fomos a assentamentos, um deles em Cametá (PA), que não tinha internet nem população bancarizada. Com internet móvel, mudamos esses fluxos das nossas operações de crédito de carbono, e fizemos ali R\$ 8 milhões em crédito para o pequeno agricultor”, diz. “Essa é uma forma de atuação bastante inovadora que a gente tem conseguido alavancar na economia.”

*Estagiárias sob a supervisão de Vinicius Doria

WWF-Brasil: “Nós não temos tempo de errar”

» VINICIUS DORIA

O momento atual não alimenta muitas esperanças em relação às negociações para enfrentar as mudanças decorrentes do aquecimento global, o que aumenta a responsabilidade de governos, organismos multilaterais e sociedade civil na busca de consensos que, efetivamente, enfrentem a questão da emergência climática. Para a líder de estratégia internacional da organização não governamental WWF-Brasil, Tatiana Oliveira, o contexto geopolítico global está “conturbado” e interfere diretamente no processo de negociação da próxima Conferência do Clima das Nações Unidas (COP30), que ocorrerá em Belém, no próximo ano.

Na avaliação da especialista, o multilateralismo vive uma crise de confiança que impede a construção de soluções negociadas de forma ampla. “A falta de confiança entre os países é o que impede os consensos”, disse Oliveira, no painel dedicado aos desafios da COP30, no evento *CB. Debate — Desafios 2025: o futuro do Brasil em pauta*, realizado ontem, na sede do *Correio Braziliense*.

Marcelo Ferreira/CB



Tatiana Oliveira, da WWF-Brasil: cenário geopolítico “conturbado” impede consensos

O fracasso das negociações sobre financiamento da transição energética e de medidas de mitigação dos efeitos da emergência climática na COP29, em Baku (capital do Azerbaijão), soa como alerta para o Brasil. Tatiana Oliveira ressaltou que a COP “é um processo”, não é só só um evento. Por isso, ela

espera que o Brasil, nos próximos meses, exerça sua liderança global no sentido de buscar “ambições maiores” nas metas de contenção do aquecimento global e de emissão de carbono na atmosfera, mas não deixe de cobrar dos países desenvolvidos a responsabilidade de bancar as medidas necessárias

para que o planeta — principalmente os países mais pobres — possa enfrentar a crise climática.

“Não há, hoje, definição clara sobre o que está sob o guarda-chuva do financiamento climático. O Norte global deve assumir a liderança desse financiamento”, disse ela. A representante do WWF-Brasil elencou alguns pontos que, na visão da ONG, devem ser priorizados nessa caminhada para Belém 2025, com destaque para a revisão dos “incentivos perversos” concedidos à indústria de petróleo e gás e o engajamento do agronegócio na solução do problema ambiental. “Os mercados globais estão exigindo isso”, alertou Oliveira. Ela também cobra do governo brasileiro a necessidade de “honrar a promessa de desmatamento zero”.

Como representante do terceiro setor, a WWF-Brasil também aposta na força da participação social como instrumento de pressão para que governos e organizações multilaterais deixem o discurso de lado e partam para ações concretas. “Não temos mais tempo de errar”, declarou.